



## DEMOGRAFIA

O ano de 1953 não trouxe alteração de importância fundamental à posição demográfica do Brasil. Não ocorreram epidemias, fenômeno que, com o avanço da tecnologia, tende a desaparecer do mundo moderno, pelo menos no que se refere às causas atualmente conhecidas. O abastecimento de gêneros alimentícios conservou as características habituais e mesmo a crise alimentar do Nordeste, decorrente dos maus invernos dos três últimos anos, não teve as conseqüências das grandes sêcas do século passado e das primeiras décadas do atual. Os depósitos de água dos açudes, as estradas de rodagem e os veículos automotores resolveram, em parte, o problema, dada a possibilidade de se transportarem para as zonas mais atingidas as reservas alimentares existentes em outras regiões do país. Assim, os lamentáveis casos de fome porventura ocorridos devem ter sido pouco numerosos, não chegando por isso a alarmar a opinião pública e, conseqüentemente, a influenciar o panorama demográfico das zonas assoladas.

As alterações históricas da estrutura demográfica vêm-se operando naturalmente, a longo termo, e não é esta a oportunidade de comentá-las.

Do ponto de vista da conjuntura, o problema das migrações internas continuou a dominar o panorama demográfico nacional, tendo, porém, como característica o inverso do que sucedeu nos anos anteriores. O número de nordestinos entrados no Estado de São Paulo, com passagem pela Hospedaria de Imigrantes do Estado, baixou de 204 584, nos nove primeiros meses de 1952 (média mensal de 22 731), a 92 336 (média mensal de 10 254). Levando-se em conta que nos últimos meses do ano ocorre sempre uma redução nas correntes migratórias, se modificações houve o foram no sentido de baixa desta média mensal. Em tais circunstâncias, cabe supor que o total de migrantes que passaram, em 1953, pela Hospedaria de São Paulo, não ultrapassou a casa dos 120 000. Isto é pouco mais do que o total de 1939 (100 139), o que significa uma diminuição relativa, pois a população dos Estados emigrantes teve um incremento muito acentuado no período de 1939/1953.

Como as condições dos Estados emigrantes não se modificaram grandemente, de 1952 para 1953, pois as alterações na estrutura das regiões de economia de subsistência são muito lentas, e a possibilidade de maior progresso na sua industrialização está na dependência da terminação das obras da Hidrelétrica do São Francisco, tudo leva a crer que esta modificação no desenvolvimento das migrações internas é conseqüência de al-

terações que se produziram nos Estados imigrantes, hipótese por nós já formulada em janeiro de 1953.

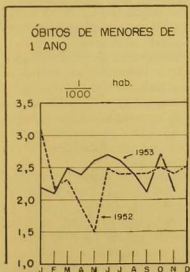
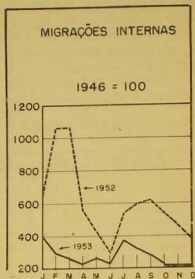
A crise de energia elétrica em São Paulo, dificultando a instalação de novas indústrias, e provavelmente a redução no ritmo de desbravamento do Paraná ocasionaram um declínio das correntes migratórias, que deve ter diminuído naturalmente a procura de novas massas de mão-de-obra.

Além disto, as estruturas econômicas de São Paulo e Paraná, em franco desenvolvimento e com acentuado dinamismo, estão, ao que parece, atravessando um período de modificação qualitativa, isto é, pela incorporação de equipamentos mecânicos à indústria, verifica-se aumento da produção, sem acréscimo proporcional da mão-de-obra. Em virtude de uma forte capitalização, o crescimento da economia daqueles dois Estados está-se fazendo mais à custa de inversões que de salários.

Embora não tenhamos elementos que nos permitam conhecer o movimento migratório para o Distrito Federal, é de supor haja também diminuído. Também a crise de energia elétrica e as dificuldades de importação (matérias-primas, equipamentos, etc.) vêm atingindo fortemente o mercado da mão-de-obra local. Uma investigação realizada pelo Centro de Estudos Sociais da Fundação Getúlio Vargas, em 68 estabelecimentos dos quatro ramos principais da indústria (ver o item seguinte "ocupação na indústria"), permitiu comprovar que tais fatores estão realmente freando o desenvolvimento da indústria do Distrito Federal. Isto determina, em consequência, drástica redução no aproveitamento de novas massas de migrantes, sendo tradicionalmente conhecido que os emigrantes só se dirigem para os lugares onde podem encontrar trabalho com facilidade.

No QUADRO, apresentamos para os Estados de maiores correntes emigratórias os dados referentes ao ano completo de 1952 e ao primeiro semestre de 1953, apurados pela Hospedaria de Imigrantes de São Paulo.

Mesmo que no segundo semestre observemos um movimento igual ao do primeiro, o que provavelmente não acontecerá, o total da contribuição



dêstes sete Estados baixará de 249 926 para um pouco menos de 109 000. Assim, o problema do êxodo rural, dos Estados nordestinos e do Leste, pelo menos no que diz respeito ao deslocamento para o Sul do país, e que tanto vinha alarmando alguns economistas, retomou o antigo ritmo que se pode considerar normal. É curioso que esta nova face do fenômeno, que se nos afigura da maior gravidade, não haja despertado ainda a atenção dos peritos no assunto.

Caso não tenham sido abertos outros campos de utilização da mão-de-obra nova, que anualmente entra no mercado de trabalho daqueles sete Es-

ENTRADA DE EMIGRANTES  
NO ESTADO DE SÃO PAULO

ESTADO DE PROCEDÊNCIA	1952 (COMPLETO)	1953 1º SEMESTRE
Piauí .....	2 625	734
Ceará .....	15 025	3 631
Pernambuco .....	31 731	10 981
Alagoas .....	28 125	9 188
Sergipe .....	9 182	2 145
Bahia .....	118 758	18 403
Minas Gerais ....	44 480	9 351
TOTAL .....	249 926	54 433

tados e que se torna mais ou menos sobrando, por ser mal aproveitada, a conjuntura parece menos favorável à região, pois sua população estará crescendo muito mais do que os bens de consumo disponíveis. Isto obriga a uma redução geral no nível de vida, já de si muito baixo, daquelas populações. Não se pode afirmar entretanto que as correntes migratórias dos Estados referidos hajam sofrido declínio, desde que os dados disponíveis se relacionam apenas aos Estados do Sul

e tais correntes podem ter sido desviadas, em parte, para outras regiões pioneiras, como Goiás e Mato Grosso, por exemplo.

Assim, 1954 trará um problema novo ao país, qual seja o de abrir novos campos de trabalho às crescentes massas populacionais dos Estados do Nordeste e do Leste, por isto que se reduzem suas tradicionais fontes de aproveitamento — São Paulo e Paraná. Todavia, assistiremos ao término das obras do São Francisco e é muito possível que os Estados incluídos na sua área de influência comecem a ampliar a indústria, absorvendo a mão-de-obra que não está encontrando mais mercado no Sul. Tudo dependerá, naturalmente, da existência de suficiente capital para investimento na própria região, das vantagens que possam ter os capitalistas do Sul que ali queiram inverter e dos planos do governo, dirigidos no sentido de realizar inversões na região e facilitar a instalação, por particulares, de novas empresas, seja financiando, seja criando facilidades fiscais.

*Mortalidade por tuberculose* — Como previmos em janeiro de 1953, a tuberculose continuou a declinar no ano findo. Os mesmos fatores que determinaram a modificação da curva da mortalidade da doença, a partir de 1948, prosseguiram operando. Contudo, em 1953, deve-se levar em conta um fator novo que já vinha atuando a partir de agosto de 1952. Referimo-nos aos derivados do ácido isonicotínico, que, segundo as informações de todos os especialistas no assunto, se apresentam realmente como elemento vigoroso no tratamento da doença. Não esqueçamos no entanto que, em dezembro de 1952, os funcionários públicos federais, municipais, autárquicos e parastatais, que constituem grande percentagem da população carioca, foram beneficiados com o abono provisório, o aumento do

salário-família e os adicionais por tempo de serviço. Também os trabalhadores em geral haviam sido contemplados com elevação do nível do salário mínimo, e os militares, com o Código de Vencimentos e Vantagens, tudo isto contribuindo para uma melhoria das condições de vida da população, fator dominante na luta contra a tuberculose, não obstante a pressão inflacionária que continuou mais ameaçadora.

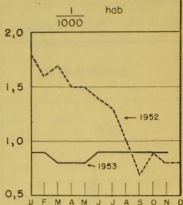
A análise das quantidades de gêneros alimentícios consumidos pela população do Distrito Federal (*Conjuntura Econômica*, novembro de 1953) revela que o carioca já ultrapassou a fase de subalimentação crônica e, portanto, tende a ser problema do passado a alta mortalidade pela tuberculose no Distrito Federal. Esta deve ter-se situado no ano de 1953 em torno de 90 por 100 000. Embora refletindo grande declínio, — elevava-se a 290 em 1947, — está longe ainda dos baixos níveis apresentados nesse mesmo ano de 1947, em vários países como: Canadá, 36,8; Estados Unidos, 31,0; Bélgica, 44,1; Dinamarca, 24,4; Holanda, 26,2; Luxemburgo, 51,2; Austrália, 27,5; Nova Zelândia, 26,0.

Esclareça-se que há tempos estes países vinham apresentando coeficientes de mortalidade por tuberculose bem inferiores ao atual do Distrito Federal, muito antes, portanto, da utilização das novas drogas. Acentue-se, também, que nenhum deles utilizou em larga escala o BCG. O que caracteriza a todos é o alto grau de desenvolvimento econômico e, naturalmente, uma elevada renda nacional *per capita*.

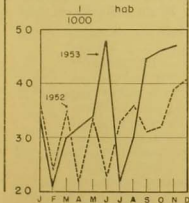
As perspectivas para 1954 quanto à mortalidade pela tuberculose no Distrito Federal são inteiramente satisfatórias. É provável que a prevalência da doença, isto é, o número de doentes em relação à população, continue crescendo, como consequência do aumento da vida média dos doentes. A resistência inespecífica resultante da melhoria alimentar da população carioca contribuirá, porém, para a redução no risco de ataque, diminuindo o aparecimento de casos novos.

*Óbitos de menores de 1 ano* — Manteve-se em 1953, para calcular os óbitos de menores de 1 ano, a relação entre a ocorrência de tais óbitos e

### ÓBITOS POR TUBERCULOSE



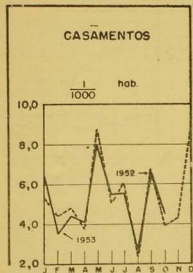
### SUICÍDIOS (nº absolutos)



a população total. Não é este todavia o melhor dado para avaliar a situação, como o temos afirmado. É nosso propósito, no corrente ano, abordar o problema, isto é, a mortalidade infantil, nas bases clássicas.

Entretanto, nosso índice de óbitos de menores de 1 ano apresentou ligeiro aumento em 1953, o que nos parece fora da realidade, pois tudo leva a acreditar que a mortalidade infantil continua em declínio no Distrito Federal. Prometemos a nossos leitores realizar, no decorrer de 1954, uma pesquisa que venha a esclarecer o assunto.

**Casamentos** — Tendo em vista os dados disponíveis, que se referem até o mês de outubro, não sofrerá alteração de maior importância o coeficiente bruto de nupcialidade no Distrito Federal, devendo por isto ficar em torno de 5,4, como no ano anterior. A variação mensal manteve, como era de se esperar, as mesmas características: pequeno número de casamentos em agosto, contrastando sempre com altos coeficientes em maio, setembro e dezembro.



O ano de 1953 pode, pois, ser considerado normal, no que se refere à nupcialidade. Na apuração de nosso índice comprovamos que continua muito elevada a evasão ao registro de matrimônios. Não é crível traduza a realidade o baixo coeficiente assinalado pelas estatísticas legais.

**Suicídios** — Até novembro de 1953 foram notificados ao Serviço Federal de Bioestatística 389 suicídios na Capital da República. Tal cifra faz prever para o ano inteiro 435 suicídios, dando um aumento de

13% em relação a 1952. A média mensal elevou-se, também, de ano a ano, atingindo 36 casos por mês em 1953, contra 29 em 1950, 30 em 1951 e 32 em 1952.